

A RELIGIÃO EM MOMENTOS DE CRISE*

Clélia Peretti**
Ewerton Silva Pereira***
Jéssica Freitag de Mello
Natália Maynard Godoi
Pamela Sarria Eskenazi
Stephanie Giselle Saba Siqueira

RESUMO: O presente estudo reflete sobre conceitos de crise, adesão e religião. Trata da contribuição significativa da religião na busca de respostas individuais, diante de um universo fragmentado no plano social e individual. Objetiva um trabalho interdisciplinar e se propõe oferecer aos acadêmicos instrumentos de leitura e de interpretação das experiências existenciais como a morte e as diferentes fases de transição.

PALAVRAS-CHAVE: crise, religião, adesão e cultura.

ABSTRACT: The present study reflects about the concepts of crises, adhesion and religion. It refers to the significant contribution that religion offers in the search of individual answers, being faced with a fragmented universe, in the social and individual dimensions. It means to be an interdisciplinary work, with the purpose of offering the academics reading and interpretative instruments, of existential experiences such as death and the different phases of transition.

KEY WORDS: crises, religion, adhesion and culture

Introdução

Em um mundo marcado por uma realidade tão contraditória como agora no século XXI, onde se encontra um número de variáveis que surpreendem, os homens buscam uma racionalidade e moralidade coletivas. Ao mesmo tempo, encontra-se uma grande maioria de pessoas, que alcançam a possibilidade de se controlar geneticamente, mas confrontada com a condição do seu próprio ambiente natural, entre outros fatores que HOUTART (2002) aponta como

* Trabalho realizado com alunos do 4º Período do Curso de Psicologia da PUCPR, na disciplina Cultura Religiosa, no mês de outubro de 2009.

** Clélia Peretti, graduada em Pedagogia (Itália/Brasil) e em Ciências das Religiões (Itália); Especialista em Gestão de Escolas (PUCPR) e em Educação a Distância (UNB); Mestre em Educação (PUCPR); Doutoranda em Teologia - IEPG- São Leopoldo/RS, bolsista da CAPES/PROEX. É professora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), atua no Curso de Bacharelado de Teologia com disciplinas específicas da área e com disciplinas do eixo humanístico em vários Cursos da Universidade.

*** Ewerton Silva Pereira; Jéssica Freitag De Mello; Natália Maynard Godói; Pamela Sarria Eskenazi; Stephanie Giselle Saba Siqueira, alunos do 4º período do Curso de Psicologia da PUC/PR.

indiscutíveis no cenário atual. Mais do que nunca, cita HOUTART (2002), há uma busca de sentido, de convivialidade e de ética, no plano individual e social. A religião apresenta-se, assim, como um aspecto relevante a ser considerado neste cenário, podendo refletir sobre a sua contribuição e presença na atualidade.

O mesmo autor se refere à religião como podendo ser uma projeção no céu de uma ordem social, que traz consigo uma explicação e legitimação, assegurando assim sua coerência. Poderia tratar-se, também, de uma representação de um mundo contraditório, do bem e do mal. O que seria afinal a religião?

O termo religião vem de “*religar* a...”, ou seja, traz consigo uma conotação de ligação, onde o indivíduo e o absoluto se relacionam. A religião existe para responder aos interrogativos humanos: “de onde eu vim?” e, “para onde eu vou?”. Alguns pressupostos para este fenômeno são os sentimentos religiosos em que predomina o aspecto afetivo e, encontram-se no plano do indivíduo. A abertura, o acolhimento, também são pressupostos situados ao lado da chamada *sede do absoluto*, da necessidade de ir além do horizonte material do universo.

Por mais presente que a religião possa nos parecer no dia-a-dia, às decisões mais importantes e mais fundamentais e que afetam a vida de praticamente todo o mundo são sempre tomadas sem nenhuma referência a Deus. Isso é um mero exemplo, mas é emblemático e nos permite reconhecer que a grande descoberta, que aprendemos a valorizar com a modernidade, está fora de nós, fora da nossa subjetividade, e ao alcance de todos, é universal e não depende de predisposição individual como os atos de fé que implicam escolhas pessoais. As mudanças sociais e culturais carregam rastros de um passado vivo, de tradições superadas que convivem com aquilo que se pode chamar de “progresso”, exatamente porque o “progresso” quer seja ele para o bem ou para o mal, não atinge a todos igualmente, nem no mesmo tempo, nem no mesmo sentido.

O desencantamento da religião e da sociedade e de perda de importância da religião pode parecer contraditório com o fato de que esta é uma época de grande vigor religioso, quando crenças novas e velhas,

organizadas numa miríade de igrejas e agências do sagrado, se propagam e se multiplicam com grande velocidade mundo afora. Embora pareça paradoxal, em nossa sociedade, há um grande desejo de verdade e de encontro com a mesma.

Alguns autores apontam para as funções sociais da religião. Para Durkheim, por exemplo, a religião não é somente um sistema de idéias, é antes de tudo um sistema de força, sua função é criar coesão. Sendo que a categoria fundante da religião seria a categoria do sagrado. O autor aborda a religião em termos de integração social ou conservação da solidariedade social, considerando-a indispensável para a sobrevivência e o desenvolvimento da sociedade (TEIXEIRA, 2003). Para Luhman *apud* Houtart, a religião garante à sociedade um mínimo de estabilidade, isto ao longo da evolução social. Segundo Weber, a principal função da religião seria dar aos indivíduos uma justificação da existência; não só individual, mas também social. Por outro lado, Freud, em uma colocação mais ligada à psicologia, comenta sobre a natureza afetiva da religião, tendo a mesma um grande poder de mobilização. No entanto, este autor a considera ilusória (HOUTART, 2002).

A manifestação de Deus, que se dá através do termo revelação, exigem, no entanto do ser humano adesão ou rejeição, assim assumindo um estilo de vida próprio, dependendo da escolha. Toda religião institucionalizada possui elementos em comum, como: doutrina, ritos, ética, sentido de comunidade e a relação entre a pessoa e o transcendente. Assistimos na atualidade uma profusão de fenômenos religiosos, por vezes bastante contraditórios. No entanto, estarão sendo abordados os conceitos de crise e adesão, implicando em uma contribuição significativa da religião, que dá continuidade a uma busca de respostas individuais, diante de um universo fragmentado no plano social (HOUTART, 2002).

Conceito de crise

Em sânscrito, crise vem de *kir* ou *kri* que significa purificar e limpar. De *kri*, vem 'crisol', elemento químico com o qual se limpa o ouro das gangas, e 'acrisolar', que quer dizer depurar. Então, a crise representa um processo

crítico, de depuração do cerne: só o verdadeiro e substancial fica, o acidental e agregado desaparece. A partir do cerne se constrói outra ordem. Mas todo processo de purificação não se faz sem cortes e rupturas. Daí a necessidade da decisão. A decisão opera uma cisão com o anterior e inaugura o novo. Esta definição etimológica e representativa serve como exemplo, especificando elementos importantes dentro do conceito de crise. Estes seriam: processo, construção de outra ordem e a noção de decisão. Estes elementos são fundamentais e posteriormente integrados com os conceitos de adesão e religião.

Já em grego, *krisis*, significa a decisão tomada por um juiz ou um médico. O juiz pesa e sopesa os prós e os contras e o médico conjuga os vários sintomas; então, ambos tomam a decisão pelo tipo de sentença ou pelo tipo de doença. Esse processo decisório é chamado crise.

Crise é um termo também utilizado para se referir aos momentos de transformações ocorridas ao longo do tempo no ciclo de vida da família, em que as diferenciações de um momento anterior e a emergência da nova condição ou situação provocam a perda de um equilíbrio já estabelecido e o restabelecimento de um novo equilíbrio, com base na condição que emerge (KAST, 2004). A morte em diversas culturas e religiões é vivenciada como uma crise ou uma fase de transição entre o mundo terreno e o espiritual. O conceito de transição estaria se referindo aos períodos de passagem de um estágio para outro no ciclo de vida (SHARP, 1995).

Ao longo do curso de suas vidas, os indivíduos são constantemente desafiados a estabelecerem, manterem e reorganizarem seus comportamentos e relacionamentos dentro do ambiente no qual estão inseridos. Portanto para entendermos o desenvolvimento humano, dois conceitos são fundamentais: continuidade e mudança.

O essencial não é tanto o número de anos que se tenha vivido, mas a competência psicológica que esses anos lhe tenham assegurado (DESSEN & COSTA, 2005). A cada passagem é preciso renunciar a alguma magia, é preciso lançar fora alguma cara ilusão de segurança e algum sentido confortavelmente familiar de identidade. Quanto mais a pessoa evita se adaptar à realidade, maior se torna o medo que cada vez mais bloqueia seu caminho.

As razões para isso são geralmente projetadas fora da pessoa: a culpa repousa nas circunstâncias exteriores (CARTER & MCGOLDRICK, 1995).

Deve-se tentar compreender o passado, mas as pessoas não podem se esconder atrás dele. Em determinado momento têm que aceitar a responsabilidade pelo que está acontecendo agora nas suas vidas e então assumir o controle do que vem a seguir. A tudo isto denominamos portanto de crise.

Crises, religião e adesão

Não há dúvida de que a sociedade, principalmente a ocidental, está passando por fortes mudanças que atingem todos os setores e grupos sociais. O problema é que, muitos de nós, não olhamos essa realidade de mudança como sendo algo natural dentro de um processo histórico e, acabamos assim, criando resistência as mudanças. Isso é um problema, porque na luta de se evitar essas mudanças, muitas vezes, deixa-se de perceber o que há de positivo nelas e, por outro lado, olha-se a cultura prevalecente como sendo a realidade absoluta que deveria ser mantida. O que se tem aqui é a questão da crise, trazendo consigo contínuas transformações e reorganizações nos mais diversos âmbitos sociais. A grande questão é de que nossa sociedade, a ocidental, não é absoluta, mas é produto de uma era que se estruturou e que está agora passando por uma reestruturação. E toda essa realidade afeta também as crenças, conseqüentemente atingindo a ordem do sentimento religioso e as instituições religiosas.

Atualmente a questão do pluralismo religioso está em alta e é preciso compreendê-lo para entender as mudanças características das religiões e suas novas formas de adesão. O pluralismo religioso contemporâneo consiste na aceitação de que diferentes grupos possuem diferentes visões de mundo, sendo que nenhuma delas pode se julgar superior ou inferior às outras. Tudo é uma questão de perspectiva. Assim, como escreve Stanley Grenz (1997), “o que quer que aceitemos como verdade, e até mesmo o modo como a vemos, depende da comunidade da qual participamos”. A pluralização não propõe um

abandono da verdade, mas a relativização da mesma, pois não há mais uma verdade absoluta e sim uma verdade relativa ao ponto de vista de cada um.

A partir das novas concepções de religião, da pluralidade e até mesmo do ponto de vista individual de cada um sobre o transcendente, percebemos que a adesão a uma “idéia” de fé torna-se cada vez mais comum e espontânea, variando de pessoa para pessoa. Por outro lado temos uma questão delicada que se apresenta; que é a de uma religião que é respeitada desde que se reconheça como uma prestadora de serviços religiosos para um respectivo departamento da vida humana. Na pós-modernidade a relação do ser humano com o sagrado é uma relação de domínio e busca de manipulação. Deus não é tirado da vida, mas colocado no canto da mesma, sendo invocado apenas quando necessário, como no caso dos momentos de crise.

Cada pessoa, independente de sua religião, portanto, pode encontrar de forma espontânea as imagens que necessita para superar sua dor, ou algum outro sentimento de angústia. Segundo diversos autores, como Foucault, Dickens e Fontana (*apud* HOURSART, 2002), o indivíduo é a base da interpretação do real e a fonte de conhecimento, o que mostra a extensão de sua responsabilidade. Assim, o indivíduo é tido como o dono da sua própria vida, explicando o pluralismo religioso que pode ser encontrado.

O poema islâmico Rumi afirmou “As portas para a espiritualidade estão sempre abertas”. Nos momentos de crise, acima comentados, a adesão a uma religião se faz comum. Rubem Alves afirma que a adesão e conversão a religiões é mais freqüente em situações de desorganização de esquemas culturais de interpretação, como choques culturais, crises pessoais profundas (luto, doença) e no momento do desmoronamento de uma ideologia. Nestes momentos, pode ocorrer, portanto, uma transformação de um mundo para outro, resultando em um novo conjunto de significados.

A adesão pode compreender dois aspectos: o de dar uma nova vida a si mesmo, ou ao fanatismo. O fanatismo atua para além do efeito religioso, mas não extrapola ao campo ideológico como um todo. É alimentado por um sistema de crenças absolutas e irracionais que visa servir a um ser poderoso empenhado na luta contra o Mal (DE LIMA). Na primeira opção pode existir a presença de uma vontade de renovação desta ideologia, da relação eu-

transcendente. Assim, alguns autores citam que estar conectado com a fé é encontrar um refúgio seguro. Despegar-se do que pesa dentro de cada um: ressentimentos e frustrações é um fator importante. Quando a pessoa participa ativamente do processo ela se torna responsável por sua recuperação, e essa responsabilidade é o que a retira da posição de vítima, tornando-se o sujeito, agente da sua própria cura.

A importância de conhecer-se e a identificação afetiva fazem parte deste processo. A doutrina, a ética e a relação eu-transcendente são peças fundamentais, dirigindo a vida da pessoa após o momento de crise. Sintonizar a pessoa com sua imagem de fé a ela a possibilidade de transformar seus momentos de angústia numa mente positiva (CESAR, 2001).

Rizzuto (2006) introduz a idéia de que nestas complexas interações com o transcendente, também podendo nomeá-lo de Deus, começam a operar certas defesas, visando proteger o indivíduo de sentimentos como ansiedade e dor. Tendo objetos relevantes do cotidiano constituindo uma fonte de dor, é possível o uso de Deus, visto sob qualquer religião, mediante complexas modificações de sua representação para assim produzir consolo e esperança. Do mesmo modo, diante de sentimentos como os de aceitação e apoio, Deus pode ser também utilizado representativamente para deslocar sentimentos de raiva e ambivalências. Assim, qualquer que seja a forma que a crise assume, uma remodelação contínua do *self* ocorre, a fim de alcançar um equilíbrio psíquico. Crises trazem consigo desequilíbrios e desorganização como suas principais conseqüências. Assim, a dedicação a esta constante reelaboração, utilizando-se da representação de Deus, perpetua esta procura pelo entendimento do mundo circundante, na qual o indivíduo visa organizar de uma forma coerente e assim relacionar-se com sua própria existência.

Ao tomarem as pessoas refúgio, automaticamente ligam-se a poderosos protetores sutis. Dentro das diversas formas e momentos de crise possíveis, a morte é tomada como uma das principais, sendo um aspecto muito ligado ao conceito de religião e à vida do homem de modo geral (CESAR, 2001). O viver condiciona o morrer, assim a religião é fundamental nestes dois aspectos. A mesma religião tem um conceito ou filosofia de vida, assim como de morte. No caso da adesão a uma religião no momento de morte, ou luto, traz aspectos

importantes como: identificação, refúgio, justificativa, entre outros. É afirmado que com a adesão a uma religião morremos com a mente alegre e em paz, e esta é vista como uma experiência de cura (CESAR, 2001).

A preparação para o momento de morte, segundo ALVES apud CESAR (2001), acontece em cada instante de nossa existência. Assim, nos momentos de presença vibrante, em que vivemos com o corpo e alma, entramos em contato com aquela nossa essência mais profunda, que continua depois da morte; concluindo com a idéia novamente de que o viver condiciona o morrer.

Segundo CESAR (2001), o ser humano precisa desenvolver a vontade de ter um objetivo claro, que é retornar à fonte, ao criador supremo. Portanto, independente da religião, a idéia de integração pode encontrar-se presente e pode ser considerada como significativa. O homem, conhecendo-se a si mesmo, ultrapassando a ilusão da separação entre ele e o absoluto, pode vivenciar intensamente uma frase marcante de Jesus Cristo, por exemplo: “Eu e meu Pai somos um”. Também, tomando outro exemplo, da tradição sufi, linha espiritual mística dos muçulmanos, que diz: “um bom praticante é uma gota a caminho de se transformar em oceano”. Por isso, todas as religiões e linhas espirituais insistem em uma prática cotidiana de preces, meditações, mantras, assim como rituais sagrados; sabendo que se precisa de ajuda e uma orientação referente aos passos a serem dados neste processo. Os ritos de passagem, estes sendo oficiais ou privados, pode-se dizer têm como intuito facilitar a resolução de momentos críticos (RIZZUTO, 2006).

Existem muitas tradições diferentes no que se trata de religião e espiritualidade, o que não significa necessariamente falar de Deus. Pretende-se no entanto, estabelecer e promover um debate acerca da maneira de viver e pensar que resulta desta tomada de decisão, da aderência, por exemplo. A espiritualidade, como diz BERTRAND apud HOUTART (2002), é sentido, reflexão, mas é também práxis.

Podem ser diferenciadas as noções de Deus privado e oficial. Se ambos forem suficientemente bem integrados, afirma Rizzuto (2006), a religião pode de fato constituir uma fonte duradoura de aspectos como auto-respeito e o que se denomina de reabastecimento egossintônico, querendo dizer congruente

com o ego, a fim de satisfazer as necessidades humanas, sendo possível em qualquer nível de desenvolvimento.

Todas as religiões propõem um caminho espiritual, para assim alcançar a unificação: coração, mente e vontade (CESAR, 2001). As mesmas conferem às condutas um sentido real que permite agir com segurança e confiança. Portanto, como em qualquer processo de crise, uma reorganização do aparelho de conversa ocorre, e a exigência de um aparelho legitimador para completar a transformação também faz parte. A religião confere à vida do sujeito toda uma gama de possibilidades, sendo reconfortante até a idéia de morte e doença (MACHADO).

A adesão portanto pode ser pensada como prova e característica de uma engenhosidade e capacidade simbólica criativa da mente humana, como coloca Rizzuto (2006). Existe neste processo um esforço feito pelo indivíduo em controlar sua realidade privada, também envolvendo o passado e contexto atual, assim como proveniente de sua necessidade inerente por transcendência.

Rizzuto (2006) também afirma que Deus permanece ao longo da vida, não somente em momentos de crise, servindo como uma fonte para a obtenção de uma força impulsionadora de nós mesmos e da própria vida. O processo psíquico de criar e encontrar Deus continua, jamais cessa, sendo este um processo desenvolvimental que abrange todo o ciclo vital, mas vê-se mais claramente nos momentos de crise. Winnicott apud Rizzuto (2006) diz que a tarefa de aceitação da realidade nunca é completada. Assim, situações vivenciadas como crises, como a doença, morte ou algum outro tipo de separação ou desvinculação são significativas, na medida em que nenhum ser humano está livre da tensão. Relacionar a realidade interna e externa é uma experiência árdua e complexa, sendo que o alívio destes sentimentos pode ser proporcionado por uma área intermediária de experiência que não é contestada, neste caso, sendo a arte e a religião os principais exemplos, segundo o autor.

Conclusão

A reconstrução da totalidade do universo ante a destruição que pode caracterizar o mundo atual pode ser considerado um aspecto amplo no que se refere à função da religião. Assim, situar-se em relação às diversas contradições e adversidades inerentes à existência humana, e ainda, encontrar forças e meios de enfrentamento, é outro aspecto fundamental da religião, independente de qual esteja sendo tratada (HOUTART, 2002).

Pode-se afirmar que a religião em si procura o conforto das pessoas para elas poderem compreender o processo de vida como sendo constituído pelo nascimento, desenvolvimento e morte. A morte não se estrutura como um processo separado da vida, mas faz parte da mesma. Muitos indivíduos a temem, tornando difícil conceber o próprio falecimento ou o de algum ente querido. Através da religião o ser humano procura respostas que possam tranquilizá-lo e prepará-lo para esta vivência que sem dúvidas é inerente à condição humana. O Dr. Aléxis Carrel (apud LARI) afirma: “A resposta da religião à ansiedade que o ser humano sente quando se enfrenta com o mistério da morte é infinitamente mais satisfatória que a que dá a ciência; a religião dá ao ser humano a resposta que seu coração deseja”.

As respostas dadas pela religião se constituem com fundamentos baseados na mais pura fé da pessoa em crenças e cumprimento de doutrinas específicas que a levam a ter um alívio pleno e um sentido para sua existência. Eis aí a importância da religião na vida dos seres humanos.

REFERÊNCIAS

CARTER, B., MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CESAR, B. *Morrer não se improvisa*. Gaia: São Paulo, 2001.

DE LIMA, R. *O fanatismo religioso entre outros*. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos906/o-fanatismo-religioso/o-fanatismo-religioso.shtml>>. Acesso em: 25 de Outubro de 2009.

DESSEN, M. A. e COSTA J., et al. *A ciência do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRENZ, Stanley J. *Pós-modernidade: um guia para entender a filosofia de nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

HOUTART, F. *Mercado e Religião*. São Paulo: Cortez, 2002.

KAST, V. *Crises da vida são chances de vida*. São Paulo: Idéias & Letras, 2004

LAGO, L.; REIMER, H.; DA SILVA, V. (org). *O Sagrado e as construções do mundo*. Univessa, Goiania, 2004.

MACHADO, Gláucio J. Couri. *A conversão religiosa*. Disponível em: <<http://www.urisan.tche.br/~cienciahareligiao/artigos/artconversao.htm>>. Acesso em: 25 de Outubro de 2009.

MELILO, J. *O conceito de crise segundo Einstein*. Disponível em: <<http://brandsblog.wordpress.com/2009/02/26/o-conceito-de-crise-segundo-einstein/>>. Acesso em: 25 de Outubro de 2009.

RIZZUTO, Ana Maria. *O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SHARP, D. *Conhecendo a si mesmo: o avesso do relacionamento*. São Paulo: Paulus, 1995.

SOARES, Afonso M. L. *Interfaces da Revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003.

TEIXEIRA, Faustino. *Sociologia da Religião*. Enfoques teóricos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Capítulo I p. 36-66.